

# O Livro de Daniel - Número Cinquenta

## *Desvendando os mistérios proféticos de Daniel 8: A revelação de Palmoni*

Jeff Pippenger

2024-01-14

No capítulo oito de Daniel, Daniel recebe uma visão dos reinos da profecia bíblica e, em seguida, ouve um diálogo celestial representado por uma pergunta e uma resposta.

Então ouvi um santo falando; e outro santo disse àquele certo santo que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão assoladora, para que o santuário e o exército sejam entregues, a fim de serem pisados? E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado. Daniel 8:13, 14.

Os primeiros doze versículos representam a visão, e os versículos treze e quatorze identificam outra visão. Assim como as duas palavras hebraicas distintas que são ambas traduzidas como "take away", e as duas palavras hebraicas distintas que são ambas traduzidas como "sanctuary", no capítulo oito de Daniel há também duas palavras hebraicas distintas, ambas traduzidas como "vision".

Quando se trata das duas palavras traduzidas como "tirar", os teólogos do Adventismo argumentam que ambas as palavras devem ser entendidas como significando "remover". Quando se trata das duas palavras traduzidas como "santuário", os teólogos do Adventismo argumentam que ambas as palavras devem ser entendidas como "santuário de Deus", e, quando se trata das duas palavras traduzidas como "visão", os teólogos do Adventismo, mais uma vez, ignoram as distinções entre as duas palavras. A distinção foi suficientemente importante para Daniel, a ponto de ele ter usado deliberadamente duas palavras hebraicas muito diferentes; portanto, devemos identificar e sustentar essa distinção. A palavra "visão", no versículo treze, é a palavra hebraica "chazon", e significa um sonho, revelação ou oráculo — uma visão.

A palavra "visão" ocorre dez vezes no capítulo oito de Daniel, mas representa duas palavras hebraicas diferentes. "Chazon", que aparece no versículo treze, também é encontrada no versículo um, depois duas vezes no versículo dois, é claro, no versículo treze, e uma vez nos versículos quinze, dezessete e vinte e seis. Em sete das dez vezes em que a palavra "visão" ocorre no capítulo oito de Daniel, trata-se da palavra "chazon", que simplesmente significa "uma visão".

Nas outras três vezes em que a palavra "visão" ocorre no capítulo oito de Daniel, trata-se da palavra hebraica "mareh", que significa uma visão; ou uma aparência. No capítulo oito, a palavra hebraica "mareh" também é traduzida uma vez não como "visão", mas como "aparência", identificando assim mais perfeitamente o significado da palavra. Por que Daniel usou duas palavras hebraicas diferentes, tão próximas em significado que os tradutores as tratariam como a mesma palavra? Isso importa?

"Cada princípio na Palavra de Deus tem o seu lugar; cada fato, o seu significado. E a estrutura completa, na concepção e na execução, dá testemunho de seu Autor. Uma tal estrutura

nenhuma mente, senão a do Infinito, poderia conceber ou moldar." Educação, 123.

A resposta à segunda pergunta é Sim: realmente importa por que Daniel fez a distinção; portanto, torna-se responsabilidade do estudante de profecia buscar compreender a primeira pergunta, que indaga por que Daniel fez a distinção. As distinções que ele fez quanto à palavra traduzida como "santuário" e à palavra traduzida como "tirar" têm consequências eternas; então, por que alguém esperaria menor importância para a palavra traduzida como "visão"? "Cada fato" tem "sua relevância" "na palavra de Deus" e afeta a "estrutura" profética e o cumprimento da profecia quando ela é "executada".

Ao começarmos a considerar a palavra "visão", no capítulo oito, um "fato" que tem "relevância" para o testemunho de Daniel é quem foi que respondeu à pergunta de Daniel oito, versículo treze, com: "Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado."

Há quatro fatos que têm uma "relação" direta com o capítulo oito de Daniel, que pretendo abordar. Um deles é que a visão do rio Ulai foi identificada como uma profecia para os últimos dias, e é também o símbolo do "conhecimento" do livro de Daniel que foi "deslacrado" no "tempo do fim" em 1798.

Há necessidade de um estudo muito mais atento da Palavra de Deus. Especialmente Daniel e o Apocalipse devem receber atenção como nunca antes na história de nossa obra. Podemos ter menos a dizer, em alguns aspectos, no que diz respeito ao poder romano e ao papado, mas devemos chamar a atenção para o que os profetas e os apóstolos escreveram sob a inspiração do Espírito de Deus. O Espírito Santo tem disposto as coisas de tal maneira, tanto na comunicação da profecia como nos eventos retratados, para ensinar que o agente humano deve ser mantido fora de vista, oculto em Cristo, e que o Senhor Deus do céu e Sua lei devem ser exaltados.

Leia o livro de Daniel. Rememore, ponto por ponto, a história dos reinos ali representados. Contemple estadistas, conselhos, exércitos poderosos, e veja como Deus operou para abater o orgulho dos homens e lançar a glória humana no pó. Só Deus é representado como grande. Na visão do profeta, Ele é visto derrubando um poderoso governante e suscitando outro. Ele é revelado como o monarca do universo, prestes a estabelecer Seu reino eterno - o Ancião de Dias, o Deus vivo, a Fonte de toda a sabedoria, o Soberano do presente, o Revelador do futuro. Leia e compreenda quão pobre, quão frágil, quão efêmero, quão errante, quão culpado é o homem ao elevar sua alma à vaidade.

O Espírito Santo, por meio de Isaías, nos aponta para Deus, o Deus vivo, como o principal objeto de atenção — a Deus, tal como revelado em Cristo. “Para nós nasceu uma criança, para nós um filho foi dado; e o governo estará sobre o seu ombro; e o seu nome será chamado Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” [Isaías 9:6].

A luz que Daniel recebeu diretamente de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias. As visões que ele viu às margens do Ulai e do Hidequel, os grandes rios de Sinear, estão agora em processo de cumprimento, e todos os acontecimentos preditos em breve se terão cumprido.

Considere as circunstâncias da nação judaica quando foram dadas as profecias de Daniel. Os israelitas estavam no cativeiro; seu templo havia sido destruído e o serviço do templo estava suspenso. A religião deles estava centrada nas cerimônias do sistema sacrificial. Eles haviam tornado as formas externas de suma importância, enquanto haviam perdido o espírito da verdadeira adoração. Seus serviços estavam corrompidos por tradições e práticas do paganismo e, na realização dos ritos sacrificiais, não olhavam além da sombra para a realidade. Não discerniam Cristo, a verdadeira oferta pelos pecados dos homens. O Senhor operou para levar o povo ao cativeiro e suspender os serviços no templo, a fim de que as cerimônias externas não se tornassem a soma total de sua religião. Seus princípios e práticas precisavam ser purificados do paganismo. O serviço ritual cessou para que o serviço do coração fosse reavivado. A glória exterior foi removida para que o espiritual fosse revelado.

"Na terra do seu cativeiro, quando o povo se voltou ao Senhor com arrependimento, Ele Se lhes manifestou. Faltava-lhes a representação exterior de Sua presença; mas os raios brilhantes do Sol da Justiça resplandeceram em suas mentes e corações. Quando clamaram a Deus em sua humilhação e aflição, foram dadas visões aos Seus profetas que descortinaram os eventos do futuro — a queda dos opressores do povo de Deus, a vinda do Redentor e o estabelecimento do reino eterno." Manuscript Releases, volume 16, 333-335.

O "fato" de que a visão do rio Ulai foi dada para os últimos dias exige que um estudante da profecia se esforce para entender o que ela predisse acerca dos eventos representados na visão. As "questões" proféticas associadas à visão do rio Ulai foram "moldadas" pelo "Espírito Santo" "tanto na comunicação da profecia quanto nos eventos retratados." O que estava acontecendo com um profeta quando recebia uma visão, bem como os eventos de profecia que o profeta identifica, devem ser estudados, com o entendimento de que ambos são uma representação profética do que se cumprirá nos últimos dias. A passagem anterior enfatiza que devemos reconhecer que Daniel estava no cativeiro dos "sete tempos".

Daniel representa aqueles que reconhecem o seu cativeiro na conclusão dos três dias e meio de Apocalipse onze, que então se voltam para o Senhor com arrependimento, cumprem a oração de Levítico vinte e seis, separam o precioso do vil e, então, o Senhor cumpre a sua promessa de reunir os que foram dispersos, enquanto se manifesta a eles. Seu "principal objeto de atenção" é, então, "Deus como revelado em Cristo".

O "significado" da visão do rio Ulai, e como ela contribui para a "estrutura" da mensagem profética que foi "planejada" por Cristo, é o primeiro "fato" que consideramos brevemente, e a passagem citada indica que nosso principal objetivo deve ser a revelação de Deus, como "revelada em Cristo". No capítulo oito de Daniel, Cristo não é apresentado como foi por Isaías, quando Isaías declarou que o "seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz". No capítulo oito de Daniel, Deus é revelado em Cristo como Palmoni, que significa o Maravilhoso Numerador, ou o Numerador dos Segredos.

Esse "fato" exige que se busque o "significado" do nome "Palmoni", juntamente com a forma como esse nome contribui para a "estrutura" e o "desenho" da profecia. Um terceiro "fato" no capítulo oito de Daniel, que deve ser reconhecido, é que é nesse capítulo que o pilar doutrinário central do

movimento milerita é apresentado. A joia mais brilhante de Miller foi encontrada no versículo catorze, e devemos buscar compreender a "relevância" que esse "fato" tem para a visão do rio Ulai, que agora está em processo de cumprimento.

No sonho de Miller, quando a caixa foi colocada sobre a mesa no centro de seu quarto, ela brilhou com o brilho do sol, mas nos últimos dias a caixa é maior e brilha dez vezes mais do que brilhou quando foi inicialmente colocada sobre a mesa de Miller. O que há na visão do rio Ulai, que inclui o pilar central do movimento milerita, que aumenta em dez vezes a luz dessa doutrina nos últimos dias? O que é revelado nos últimos dias que não foi revelado no tempo do fim em 1798? Quais são “os eventos” da visão do rio Ulai, que a Irmã White diz “estão agora em processo de cumprimento?”

Se, com franqueza, reunirmos estes três primeiros fatos (a visão do Ulai, Cristo revelado como Palmoni e o pilar doutrinário central), devemos estar dispostos a aceitar uma premissa simples que impactará nosso estudo da visão do Rio Ulai. Esses fatos combinados informam aqueles que desejam ver que a mensagem que foi desselada em 1798 era uma mensagem “pendurada no tempo”. Sem o elemento da profecia de tempo preditiva, a mensagem de Miller não teria existido.

O quarto "fato" que tem relevância para este capítulo é que os mileritas apresentaram uma mensagem baseada no tempo profético. Para enfatizar esse fato, Deus foi revelado em Cristo, nos versículos treze e quatorze, como o Maravilhoso Numerador (Palmoni). A ideia de que a visão consistiu apenas em identificar 22 de outubro de 1844 como a conclusão dos dois mil e trezentos dias do versículo catorze é lançar água fria sobre a revelação de Deus em Cristo como Palmoni.

Os teólogos do Adventismo têm trabalhado diligentemente para enterrar o significado da pergunta do versículo treze do capítulo oito de Daniel, a fim de temperar o seu prato de fábulas de modo que, segundo determinaram, mantenha os indoutos, com coceira nos ouvidos, despreocupados das verdades ligadas ao pilar central do Adventismo.

A Escritura que, acima de todas as outras, havia sido tanto o fundamento quanto o pilar central da fé adventista era a declaração: 'Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado.' [Daniel 8:14.] Estas eram palavras familiares a todos os crentes na próxima vinda do Senhor. Pelos lábios de milhares, essa profecia era repetida como a palavra de ordem de sua fé. Todos sentiam que dos eventos ali preditos dependiam suas expectativas mais brilhantes e suas esperanças mais queridas. Havia sido mostrado que esses dias proféticos terminavam no outono de 1844. Em comum com o resto do mundo cristão, os adventistas então sustentavam que a Terra, ou alguma parte dela, era o santuário. Eles entendiam que a purificação do santuário era a purificação da Terra pelos fogos do último grande dia, e que isso ocorreria na segunda vinda. Daí a conclusão de que Cristo voltaria à Terra em 1844.

Mas o tempo determinado havia passado, e o Senhor não havia aparecido. Os crentes sabiam que a Palavra de Deus não podia falhar; a interpretação que davam à profecia devia estar errada; mas onde estava o erro? Muitos, precipitadamente, cortaram o nó da dificuldade, negando que os 2.300 dias tivessem terminado em 1844. Nenhuma razão podia ser apresentada para isso, exceto que Cristo não viera no tempo em que o esperavam. Argumentavam que, se

os dias proféticos tivessem terminado em 1844, então Cristo teria voltado para purificar o santuário pela purificação da terra pelo fogo; e que, como ele não viera, os dias não poderiam ter terminado.

Aceitar essa conclusão era renunciar ao cálculo anterior dos períodos proféticos. Verificou-se que os 2300 dias começavam quando o decreto de Artaxerxes para a restauração e reconstrução de Jerusalém entrou em vigor, no outono de 457 a.C. Tomando isso como ponto de partida, havia perfeita harmonia na aplicação de todos os eventos preditos na explicação daquele período em Daniel 9:25-27. Sessenta e nove semanas, os primeiros 483 dos 2300 anos, deveriam alcançar até o Messias, o Ungido; e o batismo de Cristo e sua unção pelo Espírito Santo, em 27 d.C., cumpriram exatamente a especificação. No meio da septuagésima semana, o Messias seria tirado. Três anos e meio após seu batismo, Cristo foi crucificado, na primavera de 31 d.C. As setenta semanas, ou 490 anos, diziam respeito especialmente aos judeus. Ao término desse período, a nação selou sua rejeição de Cristo pela perseguição a seus discípulos, e os apóstolos voltaram-se para os gentios, em 34 d.C. Tendo-se então completado os primeiros 490 anos dos 2300, restariam 1810 anos. De 34 d.C., contam-se 1810 anos até 1844. 'Então', disse o anjo, 'o santuário será purificado'. Todas as especificações anteriores da profecia haviam sido indiscutivelmente cumpridas no tempo designado. Com esse cálculo, tudo estava claro e harmonioso, exceto que não se via que tivesse ocorrido, em 1844, qualquer evento correspondente à purificação do santuário. Negar que os dias terminaram naquele tempo era envolver toda a questão em confusão e renunciar a posições que haviam sido estabelecidas por inequívocos cumprimentos da profecia.

Mas Deus havia conduzido seu povo no grande movimento do Advento; seu poder e sua glória haviam acompanhado a obra, e ele não permitiria que ela terminasse em trevas e decepção, para ser taxada de um entusiasmo falso e fanático. Ele não deixaria sua palavra envolvida em dúvida e incerteza. Embora muitos abandonassem seu antigo cálculo dos períodos proféticos e negassem a correção do movimento nele baseado, outros não estavam dispostos a renunciar a pontos de fé e experiência que eram sustentados pelas Escrituras e pelo testemunho do Espírito de Deus. Criam ter adotado princípios sólidos de interpretação em seu estudo das profecias, e que lhes cabia manter firmes as verdades já alcançadas e prosseguir no mesmo curso de investigação bíblica. Com oração fervorosa, reexaminaram sua posição e estudaram as Escrituras para descobrir seu erro. Como não conseguiam ver erro em seu cálculo dos períodos proféticos, foram levados a examinar mais de perto o assunto do santuário. O Grande Conflito, 409, 410.

Fomos informados pela Irmã White, na mesma passagem em que se identifica a visão do rio Ulai, de que há "necessidade de um estudo muito mais atento da Palavra de Deus". Os teólogos apresentarão o tema dos "períodos proféticos" na passagem anterior de O Grande Conflito, como se os "períodos proféticos" aos quais a Irmã White estivesse restringindo seu comentário fossem as cinco profecias que estão representadas dentro da profecia dos dois mil e trezentos anos. Afinal, afirmam eles, quatro dessas profecias são tratadas especificamente na passagem. Mas um "estudo muito mais atento" do assunto demonstra que o termo "períodos proféticos", no plural, nos escritos da Irmã White, refere-se com mais precisão às duas profecias que deveriam cumprir-se em 22 de outubro de 1844.

Há cinco profecias de tempo específicas que Gabriel identificou para Daniel e que fazem parte dos dois mil e trezentos anos. A primeira identifica quarenta e nove anos, quando “as ruas e os muros seriam construídos em tempos difíceis.” A segunda foi o batismo de Cristo, após quatrocentos e oitenta e três anos a partir do ponto de partida de 457 a.C. A terceira foi Sua crucifixão, a quarta identificou quando o evangelho seria levado aos gentios no fim dos quatrocentos e noventa anos que foram separados especialmente para a nação judaica, e a quinta, e somente a quinta, profecia de tempo, terminou em 22 de outubro de 1844. As quatro profecias de tempo anteriores terminaram muito antes de 1844. Então, o que a irmã White realmente quer dizer quando usa a expressão “períodos proféticos”, no plural, que deveriam terminar em 1844?

Ao abordar a primeira decepção dos Mileritas, ela identifica a resposta a essa pergunta:

Vi o povo de Deus jubiloso na expectativa, aguardando o seu Senhor. Mas Deus determinou prová-los. Sua mão encobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos. Aqueles que aguardavam o seu Senhor não descobriram esse erro, e os homens mais eruditos que se opunham à data marcada também não conseguiram percebê-lo. Deus determinou que seu povo passasse por uma decepção. O tempo passou, e os que haviam aguardado com jubilosa expectativa o seu Salvador ficaram tristes e desanimados, enquanto os que não amaram a vinda de Jesus, mas abraçaram a mensagem por temor, ficaram satisfeitos por ele não ter vindo no tempo esperado. Sua profissão de fé não havia atingido o coração, nem purificado a vida. A passagem do tempo foi bem calculada para revelar tais corações. Eles foram os primeiros a voltar-se e ridicularizar os entristecidos e decepcionados que realmente amavam a vinda de seu Salvador. Vi a sabedoria de Deus em provar o seu povo e dar-lhes uma prova sondadora para descobrir aqueles que recuariam e voltariam atrás na hora da provação.

"Jesus e toda a hoste celestial contemplaram com simpatia e amor aqueles que, com doce expectativa, ansiavam ver Aquele a quem suas almas amavam. Anjos pairavam ao redor deles, para sustentá-los na hora de sua provação. Aqueles que haviam negligenciado receber a mensagem celestial foram deixados em trevas, e a ira de Deus se acendeu contra eles, porque não quiseram receber a luz que Ele lhes havia enviado do céu. Aqueles fiéis, desapontados, que não podiam entender por que seu Senhor não viera, não foram deixados em trevas. Novamente foram levados às suas Bíblias para estudar os períodos proféticos. A mão do Senhor foi retirada dos números, e o erro foi explicado. Eles viram que os períodos proféticos se estendiam até 1844 e que as mesmas evidências que haviam apresentado para mostrar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 provavam que se concluiriam em 1844." Primeiros Escritos, 235-237.

Os "períodos proféticos" eram os "períodos proféticos" que "se estendiam até 1844", os quais os mileritas inicialmente acreditavam estender-se até 1843. Os "períodos proféticos" que se estendiam até 1844 eram três períodos proféticos, e todos estão representados nas tábuas de Habacuque. Um dos três períodos simplesmente "toca" 1844, e os outros dois alcançam 22 de outubro de 1844. Os mil trezentos e trinta e cinco dias chegaram ao próprio primeiro dia de 1844, quando ocorreu a primeira decepção dos mileritas, e começou o tempo de demora tanto do capítulo dois de Habacuque quanto da parábola das dez virgens em Mateus vinte e cinco.

Os dois mil e trezentos dias do capítulo oito de Daniel, versículo quatorze, atingiram 22 de outubro de 1844, e os dois mil quinhentos e vinte anos, dos "sete tempos" contra o reino do sul de Judá, terminaram ali também. Palmoni se apresenta como o Maravilhoso Contador no versículo treze do capítulo oito de Daniel, e a "estrutura" e o "projeto" proféticos que ele então apresentou incluíam pelo menos dez profecias de tempo interligadas.

Começaremos a considerar essas verdades mais a fundo no próximo artigo.

Cristo deu ao mundo uma lição que deveria estar gravada na mente e na alma. “Isto é a vida eterna”, disse ele, “que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” Mas Satanás atua nas mentes humanas, dizendo: Fazei isto ou aquilo, e sereis como deuses. Por raciocínios enganosos, levou Adão e Eva a duvidar da palavra de Deus e a pôr em seu lugar uma teoria que levou à transgressão e à desobediência. E seus sofismas hoje fazem o que fizeram no Éden. Quando Cristo veio ao nosso mundo, escolheu humildes pescadores como fundamento de sua igreja. A esses discípulos procurou explicar a natureza de seu reino e de sua missão. Mas sua compreensão limitada o restringia. Eles vinham recebendo os ensinamentos dos escribas e fariseus e, por isso, muito do que criam não era verdadeiro. E, embora Cristo tivesse muitas coisas a lhes dizer, eles não conseguiam ouvir grande parte do que ele ansiava comunicar.

Cristo encontra os religiosos deste tempo tão cheios de conceitos errôneos que não há espaço em suas mentes para a verdade. Com a educação ministrada, os professores misturam as ideias de autores incrédulos. Assim, têm semeado joio na mente da juventude. Dão voz a ideias que não deveriam ser apresentadas a jovens ou velhos, nunca pensando em que tipo de semente estão semeando, ou na colheita que terão de recolher como resultado. Review and Herald, 3 de julho de 1900.